(*) DISCURSO,

CONTENDO A HISTORIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS,

DESDE 25 DE JUNHO DE 1814 ATÉ 24 DE JUNHO DE 1815:

POR

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA,

SECRETARIO DA MESMA ACADEMIA.

AINDA esta vez, Senhores, deverei ser o orgão da Academia, pondo ante vossos olhos sua carreira litteraria e patriotica no Estadio escabroso, mas nobre e grande, das Sciencias e das Artes, onde continúa a merecer loiros desde 24 do passado Junho até hoje. Confesso que este orgão he bem fraco, e pouco digno dos homens illustres que a compoem: se a minha voz porém sahir rouca e grosseira, como he, forcejarei ao menos, quanto em mim for, que seja singela e imparcial. ¿ Mas quem não temerá, despido de forças e talentos como eu, comparecer perante o Tribunal implacavel, bem que justo, do Publico que me ouve, e da Posteridade que me ha de julgar a final? He certo, Senhores; e sei que se não grangea perdão, diz o nosso Sousa, se ha de que o pedir, como sempre ha. Anima-me com tudo e consola-me a só idéa, que vou ser o Annalista fiel dos esforços e tarefas de huma Corporação de Sabios, que luta denodada ha largos annos, em pró das Sciencias e honra da Nação, contra a ignorancia timida, ou desleixada, e ousarei dizer, contra o obscurantismo de algumas toupeiras, que temem, ou não podem supportar a luz; (*a*) de huma Corporação, que ha sido e será, gra-

 ças

(*) Lido na Assembléa Pública de 24 de Junho de 1815.

(*a*) *O entendimento, que he nosso,*
Nam no lo querem deixar.
Sá e Miranda Egl. 8.

ças ao Ceo e ao patrocinio do Throno, o ante-mural das Letras, o alforbe e criadeiro, para o dizer assim, das Artes e Sciencias; plantas mimosas e tenras, que dispostas depois e arreigadas nos campos do Estado e da Igreja, tem já crescido, e hão de crescer, certo mais e mais, em arvores robustas, cujos ramos verguem com mil fructos sazonados.

Seria inutil querer demonstrar-vos as grandes utilidades, que a Europa tem tirado do Estabelecimento das Corporações Litterarias de todo o genero, e mui principalmente das Academias Scientificas. Mas permitti-me, Senhores, para enverdecer a aridez do meu assumpto, e comprovar de algum modo a minha these, que vos trace em mui pequeno quadro a decadencia rapida das Letras no Imperio de Roma, desde o brilhante seculo de Augusto, até o seu renascimento no seculo XVI. por diante. Confesso que a empreza he muito ardua e arriscada; pois além de ser preciso fazer grandes empregos de estudos e trabalhos, a que se devião recusar meus fracos hombros, ¿ quão difficil não he pintar gigantes em pequena taboa? Mas a importancia da materia, e os fins que me proponho, desculparáõ o meu arrojo.

O augmento ou decadencia das Letras em qualquer Nação he o criterio mais seguro para ajuizarmos da sua civilização e prosperidade; porque as causas que promovem as Sciencias e as Artes, são as mesmas que fomentão e adiantão a felicidade das Nações. ¿ Que cousa ha mais importante e curiosa, que contemplar a alteza e prosperidade, a que tinhão chegado as Letras no seculo de Augusto; onde as sementes e plantas, vigorosas e sans, dos tempos da Republica, brotárão e crescêrão sobre maneira com o favor e carinho do Principe; e com o socego da paz, depois das guerras civís, desabrochárão em flores e fructos preciosos, que não cedião muito aos da Grecia sua mestra? O espaço de tempo porém que decorreo entre a usurpação de Sulla e as ultimas guerras civís, foi o periodo em que florescêrão os Cicc-

ceros e os Lucrecios; foi, rigorosamente fallando, a idade de ouro da Litteratura Romana. Se Augusto começára a sua usurpação por huma serie inaudita de crueldades e de traições; bem depressa se mudou por huma destas metamorfoses inesperadas em Bemfeitor da nossa especie, e em Delicias de Roma: e poderemos de algum modo explicar este milagre, parte pela sua constituição pusillanime, e enferma; e parte pela amizade, e bons conselhos de hum Agrippa, e de hum Mecenas, de hum Polião, e de hum Messala. Parece que até a mesma Natureza se empenhava em bemaventurar o seu reinado, dando-lhe por contemporaneos e por panegyristas Engenhos da primeira ordem, validos e mimosos das Musas e do Ceo; entre os quaes bastará nomear a hum Horacio, e a hum Virgilio. Devemos não obstante confessar, que os Escriptores deste tempo trabalhárão mais *æsthetica*, que scientificamente; não só porque a Philosophia não tinha ainda descoberto todas as leis da Critica e do Methodo; mas tambem porque os Homens de Letras d' então não se davão exclusivamente a huma só Sciencia em particular, nem formavão no Imperio huma classe separada, e independente, como ora fazem na mór parte da Europa, depois de estabelecidas honras e Cadeiras que os sustentão e excitão.

Se tal era o explendor a que tinhão chegado então as Letras; ¡ que pasmo nos não deve causar a rapida decadencia e abatimento, em que cahírão, logo depois dos Antoninos por diante! Em muita parte das antigas e modernas Nações seu explendor e prosperidade tem dependido de causas de pouca monta na apparencia, ou de outras occultas aos olhos do observador attento; mas não succedeo assim para com o Imperio Romano: as causas da sua grandeza, e sua decadencia estão manifestas e patentes nas paginas da sua Historia para quem sabe ler e reflectir. Floresceo Roma porque seu povo amava a liberdade e a Patria; porque o animava a energia rude, mas forte e varonil de seus antigos costumes, e a gloria dos triunfos; que ajudadas

pela politica do Senado, e pela ambição dos Patricios fizerão de hum pequeno bando de fugidios e foragidos huma Nação immensa, e sem exemplo nos Fastos do Universo. Começou porém a decahir, logo que afracou o amor da Patria, e o enthusiasmo do bello e do sublime. Nem podia ser de outro modo; porque a mudança da condição politica dos Cidadãos, o despotismo dos Imperadores, a anarchia e tumultos do exercito, a immoralidade necessaria dos costumes, e o luxo desenfreado, fructo de riquezas sem conto, roubadas e amontuadas por continuas guerras, destruírão em brevissimo tempo todas as sementes do bem, e desarreigárão do seu espirito e coração todas as qualidades generosas, de que se honra a nossa especie. Espalhou-se pelo corpo moral do Imperio hum torpor mental, que suffocou toda a vitalidade, que poderia combater contra os males da oppressão, e encontrar com denodo a cohorte immensa dos vicios e dos crimes. Em poucos seculos ficou reduzido o desgraçado Occidente, até então mui culto e nobre, á despresivel condição de semi-barbaro, ignorante, falso, affeminado e vil; sem possuir sequer a energia d'alma, e a mascula independencia dos povos do Norte, por quem foi tão facilmente conquistado.

A mudança da Capital do Imperio, a divisão deste, as contendas e combates renhidos do Paganismo, furioso contra a nova Religião exclusiva do Imperio, as heresias sem conto, as disputas Theologicas, que geravão odios e derramavão sangue, absorvião os cuidados, e as faculdades intellectuaes da pouca gente, capaz ainda de ler e meditar.

As irrupções successivas e aturadas dos Barbaros do Norte vierão então accelerar mais e mais a ruina do Imperio e das Sciencias. Condensárão-se as trévas da ignorancia: e com as devastações de cidades e campos, com o continuo tinnir das espadas recebêrão as Letras o ultimo golpe; e apagárão-se quasi de todo os vestigios da instrucção, que havião escapado ao diluvio do sem numero de males, que abysmavão o Imperio de Roma. Não houve desde en-

então mais força contra a oppressão, mais actividade mental; morreo toda a curiosidade honesta: não se via por toda a parte senão indolencia e cobardia; e só levantavão cabeça a hypocrisia e a baixeza nos vencidos, a venalidade e o chamado direito da força nos vencedores; a pobreza esqualida de hum lado, e do outro o despejo de hum luxo grosseiro e desregrado.

¿ Mas quem o creria então? Do seio de tantos males brotárão novos *germes* de regeneração e de ventura. Assim como muitas vezes hindo com tormenta desfeita o navio á costa contra rocha talhada, surge d' entre o negrume das borrascas o fogo santo que anima o navegante já perdido, muda o vento, e traz apoz si dias de bonança: assim succedeo agora com as Sciencias e Artes no Occidente. Os povos da Scandinavia e da Germania, ainda cheios de juventude e de energia, depois de pacificos senhores das terras occupadas, formão novas Monarchias na Italia, nas Gallias, e na Hespanha. Cubiçosos de nova gloria, dão-se ao estudo das Letras, e abrigão e cultivão os poucos restos, e sementes dispersas das boas Artes e Sciencias, que por acaso ainda existião occultas entre o Clero, e no fundo de alguns Claustros. Nos Mosteiros e Cathedraes mais ricas nascem já algumas Escolas; onde, verdade he, só se ensinavão as doutrinas, que compunhão então o chamado *Trivio*, isto he, huma especie de Grammatica, de Dialectica, e Rhetorica; mas estabelecidas as Universidades, foi o *Trivio* ajudado pelo *Quadrivio*, em cujo recinto se abrigárão, além das doutrinas já apontadas, tambem a Musica, a Arithmetica, a Geometria, e a Astrologia: a qual tanto cabimento tinha então nos paços dos Reis, e dos grandes Feudatarios, fazendo de seus pretendidos cultores, valídos, e poderosos. Com as Universidades augmentou-se o patrimonio das Letras, criando-se Cadeiras de Jurisprudencia Canonica e Romana, Theologia e Medicina; a qual de mãos dadas com a Astrologia, Geometria, e Alchymia, que conservavão e cultivavão os Arabes, derão depois nascimento

á

á Astronomia, á Botanica, á Zoologia, á Physica, e á verdadeira Chymica moderna. Os espiritos generosos, que ardião por cultivar as novas Letras, achavão nos estabelecimentos das Escolas descanço, honra, e subsistencia. Aperfeiçoou-se e generalizou-se o vidro, inventou-se a polvora; que tanta influencia hão tido nas Sciencias, e no estado politico dos Povos: forão apparecendo novas e numerosas Artes, que hoje em dia tanto felicitão as Nações.

Os Trovadores das Gallias e das Hespanhas com seus Romances heroicos e guerreiros, com seus Contos e Trovas amorosas e satyricas, excitão o gosto de ler, começão a polir as linguas, e dão honra e estimação á Poesia vulgar, e com ella a toda a Litteratura.

Com a queda de Constantinopla, e já hum pouco antes (*a*) emigrárão para o Occidente alguns dos Sabios que ainda conservava; e os Codices Gregos, que havião escapado á voracidade dos tempos, são conhecidos no Occidente; traduzidos e ás vezes illustrados por Bessarion, Miguel Apostolio, George Gemisto, João Argyropylo, Theodoro Gaza, George Trapezuncio, e muitos outros, que espalhárão pela Italia o estudo da Lingua e Litteratura dos Gregos. A publicação destas obras juntas com as Latinas, que já começavão a ser estudadas, fazem raiar os primeiros assomos da Critica e do bom gosto.

A pezar porém de todos estes progressos jazia ainda a Europa em densas trévas. Mas as faiscas do lume, que se hia augmentando com o novo estudo e leitura dos Gregos e Romanos, fazião já fermentar a materia chaotica, que desenvolvendo-se, e crystallizando, hia criando hum novo mundo de sciencia e de civilização. He verdade que à principio os olhos, opprimidos de longo somno, mal podião en-

(*a*) Já antes de tomada Constantinopla por Mahamet II. em 1453 tinhão passado para a Italia varios Doutos. No Concilio de Florença celebrado em 1439 assistio o Imperador João Paleologo com muitos Prelados e Homens doutos, dos quaes varios ficárão desde então estabelecidos na Italia.

encarar a immensa luz, que se accendia; e medião com pavor o profundo abysmo, que os separava dos seculos brilhantes de Pericles e de Augusto; mas pouco e pouco forão-se os espiritos fortalecendo, e animando. Ainda que muitas vezes desencaminhados em falsas e tortuosas veredas, pouco e pouco forão cobrando novas forças e ardimento; trilhando primeiro sabiamente os caminhos da erudição, para fazerem seus os thesouros da Antiguidade, e depois em melhor tempo disferirem o vôo, mais além, na athmosfera das Sciencias e das Artes. Assim como nos brilhantes dias da Grecia e de Roma fôra a Eloquencia a meta, a que corrião os espiritos vigorosos e patrioticos; assim depois que nasceo a Impressão (com que se firmárão para sempre as Sciencias e as Artes, sem medo nenhum de que jámais resuscite o Imperio das trévas), a intelligencia e critica das Obras Poeticas, Historicas e Philosophicas dos Gregos e Romanos forão os objectos da geral admiração, e da ciosa ambição dos Litteratos. Se à principio os engenhos, nutridos com as bellezas das linguas Grega e Latina, desprezavão as vulgares, achando-as pobres e grosseiras para as delicadezas intellectuaes dos Platões e Aristoteles, e para a riqueza, em sentimentos e imagens, da Eloquencia e da Poesia antiga; animados depois com o exemplo e fortuna dos *Trovadores*, ousárão por fim fallar a linguagem dos Deoses, e ataviar a verdade no proprio idioma; que na Italia elevárão hum Dante, hum Boccacio, e hum Petrarca, quasi de hum golpe, ao maior auge da perfeição.

Melhor entendidos os Physicos, Geometras e Astronomos da Grecia, estudados hum Plinio e hum Seneca entre os Latinos, derão-se os Homens de Letras com mais ventura e facilidade ao estudo da Natureza e da Experiencia. Se a Philosophia conservava ainda nos Claustros e nas Universidades o trajo escolastico e grosseiro, com que cabeças Arabigas e arguciosas a tinhão desornado e afeado, homens criados com o leite de Platão, Aristoteles, Xenofonte, Euclides e Archimedes, quaes Bruno, Cardano, Campa-

panella, Galilei, Torricelli, Borelli, Castelli e outros na Italia, Vives nas Hespanhas, Lord Verulam na Inglaterra, Reuchlin e Erasmo na Germania, e tantos outros, dispunhão os animos para melhor sustento e pasto, que avidamente recebêrão. Com o estabelecimento da Academia dos Linceos em Roma, da Del Cimento em Florença, e do Instituto de Bolonha; com a Sociedade Real de Londres; com as Academias de París, e com a Leopoldina dos Curiosos da Natureza em Allemanha, e mil outras que depois se generalizárão pela Europa, quebrárão-se de todo os grilhões, e os prestigios da escravidão dos Mestres, que ainda continuavão a reinar despoticamente nas Escolas. Abrio-se a estrada real das Sciencias; descobrio-se o verdadeiro methodo de estudar e de indagar a verdade: e as Academias e Sociedades Litterarias forão, e são ainda hoje, as praças fortes e muradas, onde se crião e adestrão nas Sciencias e nas Artes valorosos espiritos, que as vão estendendo e propagando; e tem produzido abundantes fructos, com que acodem em tempo ás necessidades dos Estados e das Nações. Se ainda porém ha muitos espaços ermos e desertos no vasto territorio das Sciencias, não desanimemos com isso: basta considerar que as primeiras faiscas da luz, que hoje chameja, apenas remontão a trinta seculos, nos quaes houve porém repetidos e longos intervallos de barbarie e escuridão. Devemos animar-nos com a reflexão consoladora, que ha dois seculos seus progressos tem sido muito maiores que em todos os passados; e que os cincoenta annos, em que vivemos, apezar das desordens da Europa, igualão, se não excedem em tudo, a estes ultimos dois seculos.

Antes de levantar mão da tea, deveriamos dar huma vista de olhos pelo nosso Portugal; mas falta o tempo, e não convem apurar em demasia a vossa paciencia: com tudo julgo não vos será desagradavel hum pequeno bosquejo da nossa Historia Litteraria desde os primeiros tempos da Monarchia Portugueza até hoje, em que vou a entrar.

As-

Assoladas á porfia nossas terras por Alanos, Suevos, Vandalos, e Godos; só começámos a respirar de algum modo, quando os ultimos se arreigárão nas Hespanhas, e formárão huma nova Monarchia. Já então apparece na Lusitania hum Paulo Orosio, Historiador e Theologo; e póde ser que alguns outros, cujos nomes e escriptos consumio o tempo, como faz a tudo. Desgraçadamente tão bons começos desapparecêrão outra vez com a invasão dos Sarracenos. Mais de trezentos annos durou tão pezada escravidão; e tudo foi então barbarie e atrocidade. Mas graças ao Ceo, com a fundação da Monarchia Portugueza no Seculo XII. começárão a brotar entre nós novos desejos de acudir pelas Artes e Sciencias, que andavão esvoaçadas e foragidas. Livre Portugal das garras de Castella e de Leão pelo valor e brio do I.º Affonso, e seus proximos Successores, a nossa lingua, que até então era huma algaravia gallega, torna-se hum idioma nacional, e com ajuda do Latim, donde nascêra, e do Francez que trouxera o Conde D. Henrique e outros Cavalleiros que se lhe seguírão, (*a*) vai pouco e pouco adquirindo todas as bellas qualidades que a honrárão nos Reinados dos Senhores Reis D. Manoel, D. João III., e D. Sebastião.

(*a*) Nos começos da nossa Monarchia havia na Peninsula tres dialectos principaes, todos filhos de huma mesma mãi, o Portuguez ramo do Gallego, o Castelhano, e o Catalão. A principio foi mais cultivado o Catalão, depois o Castelhano, que o eclipsou, e por fim se foi polindo e aperfeiçoando o Portuguez á custa de ambos elles. Todos nascêrão do Latim corrompido pelos barbaros do Norte, e recebêrão do Arabigo certo perfume e grandeza oriental, que lhes deixárão por herança os filhos do Deserto. O Conde D. Henrique, e os Cavalleiros Francezes, que successivamente vierão estabelecer-se em Portugal, alterárão e adoçárão a pronuncia, expellindo as guturaes e aspirações, que as linguas Gotica e Arabiga tinhão introduzido nos idiomas da Hespanha; e do som medio entre o *on* Francez, e o Castelhano formámos nós o nazal *aõ*, que he proprio e privativo á nossa lingua entre todas as da Europa. Para se mostrar em fim quão vulgar era o uso da lingua Franceza na Corte do Senhor D. João I. e seus Filhos, basta ver as Divisas de cada hum delles, que se achão no Convento da Batalha: são todas em Francez. A do Senhor Rei D. João he: *Il me plait pour bien*; a de D. Pedro: *Desir*; a de D. Henrique: *Talent de bien faire*; a de D. João: *J'ai bien raison*; e a de D. Fernando: *Le bien me plait.*

Affonso III., Principe politico, mas inteiro e severo, depois de assentado no Throno de seu desgraçado Irmão (cuja bondade natural e frouxidão de huma parte, e da outra a cobiça e preversidade dos privados, e a revolta dos tempos, não deixárão ser bom Rei, quem era bonissimo Varão, como diz o nosso Sousa) deixa por herança a seu Filho, o Grande Diniz, novas idéas politicas; e lhe transfunde o amor das Letras, que trouxera de fóra. Em 1288 cria Diniz em Lisboa huma Universidade, e chama para ella Sabios Estrangeiros, e lhe dá Estatutos em 1309 por onde se regesse: Universidade, que depois de emigrações successivas, como sabeis, firmou-se por fim em Coimbra, reinando o Senhor D. João III. seu Restaurador. Diniz povoa e cultiva nossos campos, cava nossas minas; e com os novos thesouros, que criára, faz florescer Portugal nas Artes e Sciencias que então havia: pule e enriquece a lingua compondo Versos e Trovas, que emparelhão, senão excedem, as dos Poetas Provençaes, segundo he fama. Se a Universidade que fundou, se os estudos que tanto patrocinára, fossem mais cuidados e favorecidos pelos seus Successores; de certo veria o Mundo erguer-se, como por milagre, neste canto da Europa d' entre o estrepito das armas huma Nação poderosa e culta, que desde então assombraria o Mundo com a sua civilização, como depois o fizera com o brado de suas Conquistas e Colonias. No Governo do I.º João começárão a brilhar dias mais claros e serenos; bem que as Conquistas de Africa não deixavão á Nação e ao Soberano todo aquelle descanço, de que precisavão as Sciencias e as Artes. Se o immortal Infante D. Henrique tivera podido firmar e organizar melhor a Corporação de Sabios, dados exclusivamente á Astronomia e á Nautica, que formára em Sagres; se o Reinado pacifico e philosophico do Senhor Rei D. Duarte não tivera sido tão abbreviado, ¡ que progressos não terião feito os Portuguezes em toda a especie de saber humano! Com o Governo energico do Senhor D. João II., apezar de revol-

voltas e desassocegos internos, começa a polir-se cada vez mais a linguagem Portugueza; e o estudo das boas Artes vai cobrando novo alento e ufania. A Casa heroica de Aviz foi o berço da nossa gloria maritima e colonial: a seus Principes deverão as Letras obras, premios e estimulos (*a*).

Seguem-se a tão bons começos os dias serenos do venturoso Manoel; em que as sementes das Sciencias e bom gosto, lançadas em terra já lavrada, brotão e crescem depois com maior força, frequentando os nossos Sabios as Universidades da Italia, da França e Castella, onde alcançárão perfeição e renome. A trasladação da Universidade, que remoçára com os grandes Letrados, que o Senhor D. João III. chamou de quasi toda a Europa culta, abre mais vasto estadio ás Letras e ás Sciencias. E a pezar da desgraça lamentavel, e singular nos fastos da Historia, de que o mesmo Soberano, que tanto amparára e fomentára as Letras, fosse logo depois, por illudido e mal aconselhado, quem de algum modo as acanhasse; todavia tinhão ellas deitado já tão profundas raizes entre nós, que ouso affirmar, nenhuma Nação do Mundo em tão estreitos limites enriquecêra tanto as Letras, nem as honrára mais, que a nossa. Não cessárão de produzir os Engenhos Portuguezes obras-primas, ainda em tempo em que a Nação hia já desfallecendo sobremaneira com os golpes, recebidos diariamente, dentro da Patria, e fóra della nos campos infaustos d'Africa, que para nós fôra sempre fonte perenne de gloria e de ruina.

Mas com o longo captiveiro da Patria fugírão de novo espavoridas as Artes e as Sciencias. Foi o miseravel Portugal hum prazo de tres vidas, que os Filippes desfrutárão arruinando-o, e minguando-o: porém graças ao valor e brio Lusitano, vagou este prazo de novo para o seu legitimo

(*a*) O Senhor Rei D. Duarte, e os Infantes D. Pedro, e D. Henrique não só cultivárão as Letras, e amparárão os Sabios, mas forão tambem bons Escriptores. A D. Affonso V. devemos o primeiro Codigo de Leis, e huma grande Livraria que ajuntou no seu Real Paço. Dom João II. correspondia-se com os Sabios da Italia, a quem dava penções.

Senhorio, que muito teve que fazer para o ir outra vez cultivando e melhorando; pois achou o Reino sem gente, sem dinheiro, sem agricultura, sem commercio, sem marinha, sem exercito, sem artilharia, e sem petrechos para a guerra sagrada da nossa liberdade e independencia (*a*). No Reinado grandioso do Senhor D. João V. começárão a luzir de novo em Portugal as Artes e as Sciencias, que só ganhárão pés, e se firmárão de todo no solo Lusitano pela queda dos Jesuitas, e pela reformação dos Estudos que devia produzir aquelle acontecimento, no felicissimo Reinado do Senhor D. José I., de quem podemos dizer propriamente: *Veteres revocavit artes.* Começárão então a sentir os Doutos d' entre nós a necessidade de reunir suas forças em Corporações Litterarias, que a principio não podião deixar de ser fracas, e mal constituidas: todavia a Academia Real da Historia, ainda que ephémera em duração, foi digna do nosso agradecimento pelos trabalhos corajosos de seus Socios em explorar e cavar as ricas minas da nossa Historia, que até então estavão em grandissima parte escondidas e desaproveitadas: mas ficou reservado aos dias gloriosos de MARIA I. ver nascer e firmar-se com o seu favor e protecção huma Academia Real de Sciencias; idéa que concebêra e realizára o Duque de Lafões nosso egregio Fundador e Presidente, em cujas veias circulava o Real Sangue de Bragança: ficou reservado ao nosso Augusto PRINCIPE REGENTE o consolidar a obra de sua Augusta Mãi.

Tendes visto quanto concorrêrão para o explendor das Sciencias, e para a felicidade das Nações as Academias e Sociedades Litterarias. Ha seis lustros que a nossa não tem deixado de marchar vigorosa na sua nobre carreira, como o-

(*a*) Na Praça maior de Sevilha achárão-se novecentas peças de artilheria com as Armas de Portugal. No curto espaço de 60 annos tirou a Hespanha deste pequeno Reino, em tributos e pedidos, para cima de 200 milhões de cruzados.

o mostrão as diversas collecções de suas Memorias, e os Escriptos publicados. Os trabalhos deste anno não forão menores, nem menos importantes. Mas para não cançar a vossa attenção com a miuda historia de suas transacções, só esboçarei aqui em grosso alguns de seus trabalhos, que hão de merecer a vossa approvação; pois delles vereis os fructos, que não cessa de colher no vasto campo do seu Instituto.

Pelo Governo destes Reinos foi encarregada a nossa Academia de dar o seu voto sobre varias materias de serviço público, que procurou desempenhar com o seu costumado zelo e patriotismo. Tivemos a consolação de que o *Plano dos Pesos e Medidas*, proposto pela maioridade da Commissão Academica, de que já vos dei noticia neste lugar, fosse approvado por S. A. R. Dignando-se não só ordenar, que se puzesse quanto antes em execução, mas estendendo os beneficios de tão util reforma ao Estado do Brasil, e a todos os seus vastos Dominios. Os trabalhos da nova Commissão nomeada pelo Governo, para a realização de tão beneficas providencias tem já, segundo me consta, adiantado muito o seu trabalho. Em breve tempo gozará Portugal do incomparavel beneficio de ter hum systema de Pesos e Medidas, fundado em base natural e firme; e cujas divisões uniformes e faceis se derivem de hum só principio fundamental. Se attentarmos ao numero prodigioso de medidas desvairadas, que entre nós ha; se reflectirmos na sua divisão arbitraria e incómmoda para o calculo; e nas muitas e diarias difficuldades de as comparar e reduzir a hum só Padrão, ¿ quem duvidará, que S. A. R. nos dêo a maior prova do seu amor e sabedoria? ¡ Que de embaraços, que de fraudes não resultavão da incerteza e multiplicidade dos nossos Pesos e Medidas, tanto para o trafico da vida commum, como para as transacções mercantís!

Cumpre tambem lembrar aqui, Senhores, que a Academia sempre desvellada em facilitar á Mocidade os meios

de

de instrucção; sempre zelosa de conservar viva a nossa antiga gloria: determinou que se reimprimissem em collecção seguida as Obras, e Opusculos raros, que tratão de nossas Navegações e Conquistas; acceitando a offerta generosa, que lhe fizera de desempenhar esse trabalho o Sñr. *Joaquim José da Costa de Macedo*, que já dêo principio á empreza.

Animada do mesmo zelo, incumbio-se a Commissão de Lingua Portugueza, de reimprimir o Cancioneiro de Rezende; mas compilando-o em melhor ordem, e inserindo nos lugares competentes as Poesias de outro mais antigo, que existe manuscrito na Livraria do Real Collegio dos Nobres. Obteve para isso a Academia, do Governo destes Reinos, sempre amigo das Letras, e da gloria da Patria, hum Aviso para que se pozesse á disposição da Commissão este precioso manuscrito. Destes nossos Cancioneiros, e dos Romanceiros de Hespanha se vê, que nenhum Povo na Europa cultivou tanto, e tão cedo, como o das Hespanhas, esta nova Poesia de Trovas e Romances.

A Commissão de Historia e Antiguidades vai desempenhando com todo o esmero a confiança bem fundada, que nella pozera a Academia. A impressão da Chronica do Senhor Rei D. Pedro I. está acabada; e a do Senhor D. Fernando muito adiantada. Tem ella cuidado igualmente em colligir varios documentos do nosso antigo Direito Consuetudinario, por onde se governavão muitas terras e Comarcas deste Reino. Este ramo, não obstante servir para illustrar a nossa Historia e Jurisprudencia, estava ainda muito atrazado entre nós. Igualmente nos faltava huma collecção completa das antigas Cartas e Diplomas, que são a fonte da Historia, e por cuja falta muitas de nossas Chronicas são tão myrrhadas e incompletas. Chegou em fim o tempo em que a Academia ha de realizar seus antigos desejos, e aproveitar o thesouro de Documentos manuscritos,

que

que por vezes tinha mandado recolher dos Archivos e Cartorios do Reino. Com effeito, Senhores, cumpria emular os Estrangeiros nesta parte. A Italia e Allemanha são riquissimas de taes collecções; e a França, apezar da sua furiosa revolução, não se esqueceo de continuar a publicação das que tinha começado: assim a collecção dos Histotiadores antigos de França por D. Bouquet Benedictino, que no principio da revolução chegava a 13 volumes, já hoje conta 3 ou 4 mais. A das Ordenanças dos Reis de França da terceira raça por Mr. de Brequigny, que já estava no anno de 1461, continúa igualmente. Tambem a collecção das Cartas, e Diplomas para a Historia de França, que principiárão a publicar os Senhores de Brequigny, e Du Theil, he hoje continuada pelo ultimo. Os Inglezes cuidão igualmente em reimprimir e publicar de novo as antigas Chronicas e Diplomas, que podem illustrar a sua Historia. Sahírão já traduzidas as de João Froissart, de Joinville, e de Enguerrand de Monstrelet. O Sñr. Roberto Lindsay publicou ha pouco as Chronicas de Escocia, a que ajuntou muitos Documentos ineditos.

Era justo por tanto que mostrassemos tambem igual amor á nossa Historia. Já temos muito augmentada a collecção dos Documentos extrahidos do Real Archivo, e dos Cartorios do Reino: e nestes dois ultimos annos tem a Commissão recolhido mais de duzentos, sómente até os fins do Seculo XII.; muitos dos quaes são assaz interessantes, por serem exemplares mais correctos dos que andavão impressos com muitas falhas e defeitos. Hum delles he rarissimo, por ser hum Testamento da Era de 811, mais antigo por tanto, que nenhum outro até agora entre nós conhecido.

Grande louvor por certo merecerá a Academia, subministrando aos Doutos tantos e tão novos soccorros e materiaes a bem da Historia Portugueza, que ainda precisa muito de noticias exactas e importantes. Com estas poderemos ter hum dia quem com Critica apurada, arte, e bom gos-

to

to nos dê hum corpo de Historia pragmatica e philosophica; que, he preciso confessar, ainda nos falta. Cumpre esperar que virá tempo, em que tenhamos os nossos Gibbons, e os nossos Humes.

Mas talvez que algum desses homens azedos, desses Philosophos causticos, ouse dizer que entre todos os conhecimentos humanos he a Historia o de menor valia; porque só nos ensina o que todos sabem; isto he, que os homens sempre forão, e hão de ser, mais ou menos imbecís, ou viciosos, mais ou menos enganados, ou enganadores. Embora seja assim; e concedamos-lhes de barato tamanhos paradoxos: ¿ quem porém não quererá saber as causas por que o tem sido? Mas convem saber tambem o que os homens tem feito neste mundo de util e de bom, pois he innegavel que o tem feito: convem saber os progressos do espirito humano; as vicissitudes por onde passárão as Sciencias e as Artes que nos felicitão, ou deleitão; e a sorte das Nações e dos Estados. Cumpre ver o crime detestado, e ás vezes punido; a virtude estimada, e ás vezes premiada: cumpre em fim ver os homens sem mascara, e sem hypocrisia, comparecerem em proprio vulto, com as faltas e fraquezas que cobria a sagacidade da ambição, perante o tribunal terrivel da Verdade. O homem de Letras, que munido de todos os subsidios, e alumiado pela critica, emprehender colher palmas nesta carreira, ha de saber julgar, e avaliar os homens, taes quaes forão; ha de mappejar, para dizer assim, seus vicios e virtudes, e entregar o quadro ao tribunal da Razão, para que o possa esta julgar sem odio e sem lisonja.

Se nossos Historiadores antigos não escrevêrão com toda a critica e gosto, que já começavão a raiar em Machiavelo, e Guicuardini; podemos com tudo blasonar, que depois do renascimento das Letras, fomos os primeiros, que apresentámos ao Mundo hum corpo de Historia volumoso, e rico de noticias, que póde talvez correr parelhas com o de Tito Livio: taes são as *Decadas* do nosso immor-

mortal Barros, cujo estilo he mais natural e castiço que o de Livio. He lastima, Senhores, que ao nosso Fr. Luiz de Sousa, cuja *Historia de S. Domingos* he com mui poucas excepções hum thesouro de excellencias de estilo, e de linguagem, pela pompa da expressão, elegancia da frase, e energia dos pensamentos; he lastima, digo, que lhe coubesse em sorte hum assumpto acanhado, e pouco proprio da Musa da Historia. Todavia he tal a belleza do seu estilo, e a pureza da sua dicção, que todos os defeitos do assumpto, e as faltas repetidas de Critica apurada, desapparecem aos olhos do Leitor.

Não foi só em promover as Sciencias e a Litteratura, que cuidou neste anno a Academia; quiz tambem dar mais huma prova de virtude, e sensibilidade, desejando conservar sempre vivas as feições e imagem de seu egregio Fundador: lembrámo-nos, para mitigar nossas saudades, fazer, por meio de huma Subscripção voluntaria, o Busto em marmore do Duque de Lafões, para ficar collocado na salla das nossas Sessões. Foi encarregado de satisfazer a tão bellos desejos o Sñr. Joaquim Machado de Castro, *Artista* mui distincto e benemerito, a quem devemos a idéa e o modello do grandioso monumento da Estatua Equestre, que o amor dos Povos consagrára ao immortal Rei o Senhor D. José I.

Quaes fossem neste anno os beneficios feitos á Patria e á Humanidade pela Instituição Vaccinica da Academia, deixo a melhor penna. Vereis que a Vaccina, esse atomo milagroso de hum puz estranho á nossa especie, esse achado maravilhoso do immortal Jenner, vai ganhando pés entre nós cada vez mais.

Parece que a guardára a Providencia à nossos dias para compensar de algum modo os males, que a Humanidade tem soffrido com a guerra devastadora que ainda assola a Europa. ¡ Quem sonharia, Senhores, que huma gota de materia infecta havia de combater peito a peito com a morte!

te! ¡ E havia estreitar-lhe e diminuir-lhe o imperio! Se a Academia, apezar de seus poucos meios, não tem cessado ha quatro annos de propagar pelo Reino o beneficio incomparavel da Vaccinação: ¿ que scena consoladora se não abre agora ante seus olhos, quando o Governo destes Reinos, a quem devem tanto os Portuguezes, acaba de subministrar-nos os soccorros pecuniarios, que nos faltavão?

CUmpre agora, Senhores, dar-vos tambem alguma noticia das Memorias apresentadas, e lidas neste anno. Começando pelas da Classe das Sciencias Naturaes, lêo o Vice-Secretario o Sñr. *Sebastião Francisco Mendo Trigozo* a conta das suas *Experiencias sobre a comparação dos Pesos e Medidas de Villa Verde e Torres Vedras*, de que tinha sido encarregado pelo Governo; e para cujo desempenho a Academia lhe havia subministrado todos os Instrumentos necessarios.

O Sñr. *Visconde de Balsemão* lêo a segunda parte da sua *Descripção Economica da Provincia do Minho*; com que dêo novos subsidios á Estatistica Nacional.

No ramo Mineralogico lêo o *Secretario* huma *Memoria sobre a Minerographia da Serra que decorre do monte de Santa Justa, no termo de Vallongo, e Provincia do Minho, até Santa Comba*: districto este muito rico em mineraes de antimonio, cobalto, zinco, ferro, prata, e provavelmente de ouro; onde em tempos antigos tiverão os Romanos huma vastissima e longa mineração.

Lêo o mesmo *Secretario* outra *Memoria Historica e Minerographica sobre a nova Mina de ouro, que fica no meio da enseada que vai da ponta da Trafaria até o Cabo de Espichel.*

Lêo finalmente hum Opusculo intitulado: *Instrucções praticas e economicas para os Mestres, e Feitores das minas de* ou-

ouro de desmonte *e* lavagem *no Brasil*, precedidas de algumas Reflexões Estatisticas e Minerographicas: obra imperfeita, mas que talvez pelas regras e methodos que ensina e descreve, possa ser de summa utilidade aos Mineiros do Brasil, poupando-lhes tempo, braços, e mil despezas inuteis, com que se perdem a si, e arruinão o Estado, sem saberem ao menos aproveitar todo o ouro que lavrão.

Em Technologia lêo o Sñr. *Antonio de Araujo Travassos* huma importante *Memoria sobre os Alambiques, e distillação das Agoas-ardentes*, descrevendo os seus apparelhos, que reunem as utilidades dos de Duarte Adão, e Isaac Berard. Tereis o gosto de a ouvir ler nesta Sessão.

Em Medicina enviou o Sñr. *José Francisco de Carvalho* huma *Memoria sobre a Elefantiase*, util pela materia, e pelas Observações que contém. O Sñr. *José Pinheiro de Freitas* lêo-nos outra, em fórma de Regimento, *sobre a Policia Medica.* Nella trata miudamente de todas as providenias, e meios mais acertados para conservar a Saude pública. O Sñr. Ignacio Xavier da Silva enviou-nos huma Memoria interessante *Sobre o uso do Café em pó para curar as Febres intermittentes*, com hum mappa circunstanciado dos Soldados curados por este methodo no Hospital Real da Marinha Esperamos delle a continuação das suas Observações, applicando o Café diversamente preparado á cura de outras Febres e achaques.

Em *Agricultura* tivemos huma *Memoria sobre os meios de a melhorar e estender em Portugal*, pelo Sñr. *José de Macedo Pereira Pinto*, em que mostra o seu patriotismo (*a*).

(*a*) A Agricultura póde olhar-se debaixo de tres pontos de vista, isto he, politica, mercantil, ou scientificamente. Politicamente considerada, muito tem influido nos seus progressos ou decadencia a Legislação particular das Nações, a abolição ou conservação do Feudalismo,

Passemos agora á Classe das Sciencias Exactas. Para completar as *Taboas Perpetuas Astronomicas*, que estavão ha tempos no prélo, dêo-nos o Sñr. *Mattheus Valente* a *Explicação necessaria para o seu uso.* O Sñr. *Francisco Villela Barbosa* enriqueceo-nos com os seus novos *Elementos de Geometria para o uso das Aulas*, concordados com os de Mr. Bezout. Nesta obra procurou seu Auctor substituir a varios parallogismos de Bezout, demonstrações rigorosas, e elegantes; e dispoz de modo a materia, que convencendo o espirito dos Alumnos, os conduzisse igualmente, como pela mão, do mais facil e particular ao mais difficil e geral. Os theoremas que em primeiro lugar demonstra, são quasi sempre proposições geraes, das quaes se deduzem como corollarios varias outras particulares, que na mór parte dos Livros elementares são tratadas como novos theoremas. Em huma palavra, a ordem do seu Compendio he não só conforme, a meu ver, com as regras da analogia e do methodo na exposição e demonstração das proposições; mas tem igualmente a vantagem preciosa de simplificar a Sciencia, enriquecendo-a ao mesmo tempo de idéas novas. Elle melhor do que eu vos exporá o motivo do seu bello trabalho, e o methodo da sua Obra.

O Sñr. *Manoel Pedro de Mello* apresentou huma interessante *Memoria sobre as Binomiaes*, que mereceo a approvação da Classe, e a impressão entre as nossas Obras.

Na

as guerras, o commercio maritimo, os diversos systemas de impostos e sua arrecadação. Olhada pelo lado mercantil, devemos consideràla ou sómente como occupação feudal e forçada, ou como a primeira e principal manufactura das Nações civilizadas. Para a encararmos scientificamente, devemos attender aos progressos successivos da sua theorica, ao modo com que se tem procurado corrigir e melhoiar seus costumeiros e práticas antigas, com a introducção de novos instrumentos, de nova cultura, e novos methodos de Lavoura. Estes são os pontos de vista, que devem merecer a attenção dos nossos Escriptores em tão importante materia.

Na Classe de Litteratura e Historia, não foi este anno pobre de producções. Enviou-nos o Sñr. Fr. Francisco de Carvalho o principio de huma Obra, que espero virá a ser na sua continuação muito interessante, intitulada: *Ensaio para huma Historia da Litteratura Portugueza desde a sua mais remota origem até o presente tempo.* O Sñr. *Bispo d' Elvas* remetteo varios Additamentos e Notas para enriquecer a reimpressão do seu Ensaio Economico sobre o Brasil, obra bem conhecida e estimada pelos Doutos. O Sñr. *Sebastião Francisco Mendo Trigozo* lêo-nos huma interessante *Memoria sobre a Historia e Legislação dos nossos Pesos e Medidas desde o principio da Monarchia até o tempo dos Filippes, e sobre a introducção do Systema metrico-decimal.* O Sñr. *Joaquim de Santo Agostinho* presenteou-nos com o *Indice dos documentos impressos, relativos á nossa Historia*, em 14 massos, Obra de longo trabalho, e muita utilidade. O Sñr. *Antonio de Almeida*, Medico em Penafiel, enviou huma Memoria intitulada: *Annaes Vaccinicos de Portugal*, fructo do seu constante zelo pelas Sciencias, e para a gloria nacional. O Sñr. *Francisco Nuñes Francklin* começou a communicar-nos os fructos de suas Indagações *diplomaticas*, com que promette enriquecer a nossa Historia: e nos enviou huma *Memoria* sua *sobre a vida e acções do oitavo Vice-Rei da India D. Francisco Coutinho.*

O Sñr. *Manoel José Maria da Costa e Sá* enviou-nos novos *Additamentos ao Indice Chronologico remissivo da Legislação Portugueza* do Sñr. João Pedro Ribeiro, com que muito illustra a Historia da nossa Jurisprudencia.

No mesmo assumpto lêo o Sñr. *Vicente Antonio Esteves de Carvalho* huma Memoria intitulada: *Ligeiro quadro das nossas Leis da Amortização*, rica de noticias e de reflexões de grande peso. A mesma materia da Amortização foi tambem dilucidada pelo Sñr. *Francisco Manoel Trigozo* Vice-Secretario da Academia, em huma Memoria, em que procura provar com

so-

solidos fundamentos, *que até o Reinado do Senhor D. Diniz não havia em Portugal Lei alguma geral sobre Amortizações.* Apresentou huma copia exacta dos *Usos e costumes antigos do Conselho de S. Martinho de Mouro*, que acompanhou de huma Introducção. Lêo o mesmo Socio o *Elogio historico do Sñr. Muller*, Obra em que brilhão linguagem, estilo e pensamentos. Vós tereis o gosto de o ouvir nestaSessão.

O Sñr. *Fr. Bento de Santa Gertrudes* enviou a copia de varios Documentos antigos, que existem nos Cartorios de Tibães e Rendufe.

O Sñr. *Fr. Francisco de S. Luiz* dêo a ultima demão ao seu *Glossario de Gallicismos* &c., que brevemente sahirá impresso: Obra por certo de muito estudo e Critica. Lêo-se huma Memoria do Sñr. *Francisco Ribeiro Dosguimarães*, *Sobre hum Documento inedito do principio do Seculo XII.*; pelo qual se prova a ida á Terra Santa, que alguns duvidavão, do Sñr. Conde D. Henrique. Vós a ouvireis nesta Sessão.

Finalmente o Sñr. *Sebastião Mendo Trigozo* lêo a *Traducção em verso do I.º Livro das Georgicas de Virgilio*, que pertende completar. Dêo-nos com isto mais huma prova do seu engenho, e do vivo desejo de enriquecer a nossa Litteratura, assaz pobre neste genero. Ainda que muitas das Traducções modernas, principalmente de Poetas e Oradores, em que tanto se esmerão presentemente Francezes, Inglezes, e Allemães, tenhão erros e falhas, que desacreditão de algum modo, e tirão o merecimento á Antiguidade: todavia sem ellas os idiomas vulgares não se terião polido e enriquecido; e o conhecimento dos bons modellos da Antiguidade, desse viveiro de *germes* preciosos, que a Philosophia deve fecundar e aproveitar, serião ainda hoje patrimonio exclusivo dos poucos Doutos, que se dão ao estudo serio das Linguas Grega e Latina.

Vie-

Viérão por fim a concurso neste anno duas Memorias; huma sobre a *Grammatica Philosophica da lingua Portugueza*, e outra sobre o assumpto: *Qual seja a fórma dos carros mais proprios aos terrenos desiguaes e montanhosos, com o methodo simples de avaliar o esforço do motor em qualquer posição dos mesmos carros.* Ambas mostrão estudo e applicação em seus Authores: mas não satisfizerão ás condições do Programma; e por isso não forão premiadas. Creio que se ambos os Authores entrassem bem no espirito do assumpto, e nas difficuldades que tinhão de vencer; se nelle puzessem todas as suas forças, e meditação; colherião talvez as palmas, que a Academia só deve dar aos que chegão á meta da carreira Olympica. Ha Engenhos entre nós, que por certa facilidade perigosa, que possuem, de fazer de hum golpe o que aos Mestres custa muito, cuidando exceder aos outros, ficão inferiores a si mesmos.

Estes forão, Senhores, os Escritos lidos em nossa Academia neste anno. Alguns de seus Socios, e outros Litteratos não se esquecêrão de enriquecer nossa Livraria com dadivas de seu engenho, ou de seu zelo e amor pelas Sciencias.

Em primeiro lugar mencionaremos a Copia, que de Ordem de SUA ALTEZA REAL, com intervenção do Ex.mo Sñr. Marquez de Aguiar nosso Consocio, se nos enviou do Rio de Janeiro do Manuscrito precioso de Francisco d'Hollanda, intitulado: *Da Fabrica que fallece à Cidade de Lisboa.* Fôra incumbido por parte da Academia o Sñr. Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, Ajudante das Reaes Bibliothecas do Paço, de supplicar a S. A. R. esta mercê, que nos concedeo seu benigno e generoso coração. Pertencem a esta Obra, que já temos copiada com todo o mimo pelo Sñr. Marrocos, muitos desenhos, que devem ser enviados logo que estejão acabados; e certo he de esperar que sejão tirados com todo o bom gosto e fidelidade.

O

O Sñr. Vicente Antonio Esteves de Carvalho enviou-nos huma *Memoria* impressa *sobre a origem e progressos da Emphiteuse*: e a Senhora Dona Maria Luiza de Valleré as Memorias da vida de seu illustre Pai, nosso digno Socio, escritas em Portuguez e Francez, e impressas em París: Obra esta, que não só faz honra ao coração desta illustre Senhora, mas tambem á sua douta penna. O Sñr. José Pinheiro de Freitas presenteou-nos com hum exemplar da sua *Memoria Chimico-Medica ácerca do estado em que se acha o Mercurio nos unguentos e outras preparações pharmaceuticas*. Monsenhor Ferreira offereceo hum manuscripto intitulado *Lusiades Leoninæ Libri duodecim*, composto pelo Jesuita Ignacio Archamone, Napolitano. O Sñr. Visconde de Balsemão enriqueceo nossa Livraria com hum exemplar da bella *Descripção do Convento da Batalha*, de *Mr. Murphy*; e emprestou-nos para se copiarem dous Manuscriptos, hum muito antigo, em que se descreve o termo de Lamego, e hum Diario sobre a Acclamação do Senhor Rei D. João IV. O Sñr. Commendador Franzini remetteo hum exemplar das suas *Instrucções Estatisticas*. O Sñr. José Accursio das Neves remetteo-nos o I.° Tomo da sua Obra *Variedades relativas ás Artes, Commercio, e Manufacturas*, que espero hajão de ser muito uteis á Nação. O Sñr. João Croft presenteou-nos com hum exemplar em Inglez e Portuguez da Conta publica dada pela Commissão encarregada de dirigir a *Distribuição do Donativo Britannico, votado no Parlamento, para o soccorro das terras invadidas em Portugal*; em cuja distribuição dêo este nosso Consocio grandes provas da sua humanidade e desinteresse.

Tambem de Paizes estranhos mereceo nossa Academia signaes de apreço e estimação. O Sñr. *Jacob Graoberg de Hemsio* dirigio á nossa Academia, como tributo, diz elle, do seu profundo respeito e altissima admiração, as Obras seguintes, que escrevêra em Italiano: *Annaes de Geographia*

e

e de Estatistica em 2 vol. de 8.°: *Carta ao R.do P.e D. Bernardo Laviosa sobre os prazeres dos campos de Albano*: *Ensaio sobre os Skaldos ou antigos Poetas Scandinavios*: *Lições elementares de Cosmographia e Geographia estatistica*: *Vocabulario historico-geographico dos nomes antigos que se encontrão nos dois Opusculos de Tacito*; *Costumes dos Germanos*, *e Vida de Agricola*. A Academia agradecida o recebeo no numero de seus Socios Estrangeiros, e o presenteou com algumas Obras suas.

O Sñr. *D. Francisco Xavier Cabanes*, nosso Correspondente, remetteo-nos de Hespanha a sua *Traducção da Campanha de Portugal* de 1810, e 1811, que enriqueceo de *Notas* e *Additamentos*.

A mesma honra recebemos da Sociedade Geologica de Londres, de quem tenho a honra de ser Membro Ordinario: remetteo-nos seu Secretario o Sñr. Henrique Warbuton o 2.° volume das suas Transacções. A Academia tem determinado agradecer este mimo, remettendo áquella tão distincta Sociedade hum exemplar das nossas Memorias Economicas, e outro das Physicas e Mathematicas.

Não deverei deixar tambem de referir-vos, que o Conselho da Sociedade Real de Londres acaba de dar á nossa Academia huma prova da sua sincera estimação; promettendo-nos renovar a correspondencia antiga, que havia entre ambas, como mui cortezmente o participou o Illustre Bancks, em carta escrita ao nosso Consocio o Sñr. João Croft, para que o fizesse prezente á Academia.

O nosso Museo foi este anno enriquecido de varias producções do Brasil; e de muitos mineraes de Portugal, de ferro, chumbo, antimonio, ouro, &c. acompanhados alguns com amostras em grande de seus metaes já fundidos e apurados: a cuja vista se avivárão mais e mais nossos desejos patrioticos de ver aproveitadas hum dia, como cremos, as immensas riquezas subterraneas, que ainda encerrão nossos montes, não obstante a vastissima mineração, que em

Por-

Portugal tiverão Carthaginezes, Romanos, e Arabes: riquezas que tinhão sabido aproveitar os grandes Reis, que fundárão nossa Monarchia; entre os quaes merece especial menção o immortal D. Diniz, que com a lavra e apuração de novas minas, encheo seus cofres de ouro, e dêo novo impulso á nossa industria, povoação, e Agricultura.

Se até aqui hei referido, Senhores, cousas que alegrão e consolão; ¡ porque serei obrigado a memorar agora as perdas, que soffremos! Sim, roubou-nos a morte neste anno não poucos Socios; muitos delles conhecidos por Escriptos de notorio merecimento, todos pelos grandissimos serviços feitos á Patria e á Humanidade. Taes forão os Sñrs. João Guilherme Christiano Müller, Jeronymo Allen, Carlos Antonio Napion, Alexandre Rodrigues Ferreira, José Pinto da Silva, e Luiz de Sequeira Oliva. Senão fôra a estreiteza do tempo, cumpriria espalhar algumas flores sobre suas sepulturas; tecer-lhes hia o elogio, para cumprir com as obrigações de Collega, para expollos, se podesse tanto, á vossa veneração. Mas já que me não he permittido expressar agora tudo o que sentem nossos corações, possão ao menos seus *Manes* apreciar o meu silencio, mais eloquente, que todos os meus elogios.

Para encher os lugares vagos, para honrar o merecimento nomeou a Academia para seus Socios Veteranos
os Sñrs. Domingos Vandelli,
Antonio Ribeiro dos Santos,
Agostinho José da Costa de Macedo:
E para Socio Estrangeiro
o Sñr. Jacob Graoberg de Hemsio.

Passárão para Socios Effectivos:
Na Classe das Sciencias Naturaes o Sñr. Bernardino Antonio Gomes;

Na

Na de Sciencias Exactas o Sñr. Anastasio Joaquim Rodrigues:

E na de Litteratura e Hiſtoria
os Sñrs. Francisco Manoel Trigoso,
Joaquim José da Costa de Macedo
Visconde da Lapa.

Passárão para Socios livres
os Sñrs. Antonio de Araujo Travassos
Francisco Simões Margiochi
João Evangelista Torriani
José Pinheiro de Freitas Soares
Justiniano de Mello Franco
Marino Miguel Franzini.

Forão nomeados Correspondentes
os Sñrs. Fr. Bento de Santa Gertrudes
Felix José Marques
Francisco Nunes Franklin
João Antonio Monteiro.
Fr. José de Almeida Drake
Manoel Pedro de Mello
Manoel José Maria da Costa e Sá.

Está acabado o meu Discurso, Senhores. Se sahio secco e desalinhado; ao menos creio, que vos convencerá de que a Academia não cessa de buscar com seus escritos e tarefas o bem das Sciencias e da Patria. Muito temos feito os Portuguezes; mas muito terreno nos resta ainda por abrir e cultivar nos campos das Sciencias e da Litteratura. A Philologia Grega, a Archeologia, a Numismatica, a Geographia antiga, as Linguas Orientaes devem merecer-nos novo amor e maior zelo. A arte de escrever com pureza de linguagem, com gosto e Philosophia, em que já tinhamos no seculo de 500 dado grandes passos, recuou hum pouco; e

precisa cobrar forças. Bem sei que esta arte bella, mas difficil, não tem regras fixas, nem demonstrações, por onde se governe; por ser huma especie de inspiração, e hum dom da natureza: mas sei tambem, que este favor celeste só merecem os que estudão e folheão bons modellos; os que ardem pela gloria do renome, que deve ser a nobre recompensa das tarefas Litterarias.

A Sciencia da Natureza, e suas vastas applicações á Agricultura, á Technologia, e á Economia, em cujo estudo tanto se esmerão as Nações cultas da Europa, inda estão pouco correntes entre nós. Eis-aqui pois aberta huma nova estrada, larga e real, por onde devem caminhar os engenhos Portuguezes, que quizerem colher novos loiros debaixo das bandeiras de Minerva. A Academia lhes está dando o exemplo; e mais esta vez os convida, para que entrem em seu gremio, e a ajudém com forças reunidas.

O Homem de Letras, Senhores, que por singularidade, ou capricho pueril desdenha entrar em Sociedades Litterarias, antolha-se-me ser huma especie de Celibatario, despegado do Mundo: que não tendo para quem ajunte, ou a quem deva sustentar, não augmenta seus cabedaes; ou os despende sem regra nem medida, endividando-se muitas vezes, e perdendo o seu credito.

Se os Ciceros e Lucrecios, se os Sallustios, Virgilios, Horacios, e outros muitos Luminares da Litteratura Romana, por não fallar dos Gregos, tivessem sabido reunir-se em Sociedades, como as nossas; ¿ que vôos e progressos não terião feito as Sciencias e boas Artes com homens tão energicos, e cheios de talento? Suas Obras Litterarias terião chegado ás nossas mãos sem algumas falhas e defeitos, que justamente lhe notamos, a pezar de certa especie de idolatria com que as veneramos. Se na barbarie da Meia Idade, assim como houve a inspiração de criar Universidades, tivesse havido tambem a de formar Academias; esses poucos espiritos privilegiados, que apparecêrão então, quaes estrellas errantes em noite escura, de certo não terião sido victimas inuteis da ignorancia.

Eia

Eia pois, reunão-se os Doutos Portuguezes ás nossas bandeiras. ¿ Que mais nobre carreira podem desejar as almas generosas? ¿ Que procura a Academia? ¿ em que sua de contínuo, senão em propagar as luzes, em promover o bem, e evitar os males que trazem apoz si a ignorancia e o egoismo?

Indagar a verdade, espalhalla pelas classes que não podem consagrar-se inteiramente ao culto das Sciencias, sustentar os altares da razão, alumiada pela Santa Religião que professamos, fazella a árbitra da opinião pública, e a conselheira dos Thronos, he o dever sagrado das Corporações Scientificas. Eis-aqui, Senhores, porque a nossa Academia, fiel á sua vocação, tem merecido, e ha de merecer, como espero, o patrocinio do nosso Bom e Augusto SOBERANO, e a estimação do Genero Humano.